





O NIILISMO EM DOSTOIÉVSKI¹

*Michelle Ferreira de Lima*²

 <https://orcid.org/0000-0002-0898-5962>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2025.5.2.10965>

RESUMO: A questão do niilismo em Dostoiévski é abordada no presente artigo partindo de temas como a angústia e a redenção no personagem Raskólnikov em *Crime e Castigo* e algumas considerações comentadas por Albert Camus sobre as obras *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*. Em tais obras, percebe-se que o autor se propôs a analisar as implicações do niilismo para o humano, bem como, os dilemas controversos demonstrados nas vivências de personagens que, se por um lado, experimentam viver de escolhas niilistas, por outro, se deparam com uma angustia extrema, talvez devido a dificuldade de se sustentar neste lugar. É destacado também a afirmação trabalhada por Dostoiévski de que se não existe Deus “tudo é permitido”, apontando para o que se tornará a forma mais comum de niilismo, correspondente a crise dos valores supremos.

Palavras-chave: Niilismo. Existência. Dostoiévski

THE NIHILISM IN DOSTOEVSKY

Abstract: The issue of nihilism in Dostoyevsky is addressed in this article starting from themes such as anguish and redemption in the character Raskolnikov in *Crime and Punishment* and some considerations about the works *The demons* and *The brothers Karamazov*. In such works, it is noticed that the author proposed to analyze the implications of nihilism for the human as well as the controversial dilemmas demonstrated in the experiences of characters who, on the one hand, experience living from nihilistic choices, on the other hand, they face extreme anguish, perhaps due to the difficulty of sustaining themselves in this place. It is also highlighted the statement worked by Dostoyevsky that if there is no God "everything is allowed", pointing to what will become the most common form of nihilism, corresponding to the crisis of supreme values.

Keywords: Nihilism. Existence. Dostoevsky

¹ Pesquisa realizada no âmbito do doutorado e financiada pela CAPES.

² Doutoranda em Filosofia pela PUCPR com pesquisa sobre "A arte e o niilismo entre Nietzsche e Albert Camus" (bolsista CAPES). Mestra em Filosofia pela PUCPR com pesquisa sobre "A Estética da Revolta em Albert Camus". Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste com pesquisa sobre Søren Kierkegaard.



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.

INTRODUÇÃO

A fim de analisar a questão do niilismo em Dostoiévski, passamos por obras como *Crime e Castigo*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*, obras que o autor se propôs a analisar as implicações do niilismo para o humano, bem como, os dilemas controversos demonstrados nas vivências de personagens que, se por um lado, experimentam viver de escolhas niilistas, por outro, se deparam com uma angustia extrema, talvez devido a dificuldade de se sustentar neste lugar.

Outra característica dos romances dostoiévskiano observada pelo comentador e biógrafo Joseph Frank, é que as ideias niilistas retratadas por Dostoiévski eram levadas a consequências extremas³: “Dostoiévski tratou do niilismo russo com uma percepção inquietadora e aguda dos perigos que se escondiam por trás de suas aspirações aparentemente meritórias – uma percepção aguçada pelas observações do comportamento humano aberrante que fez na prisão” (FRANK, 2013, p. 148). Suas obras são consideradas “romances-tragédia”, devido a sua técnica cênica e força intransigente pelas quais reiteram o choque entre alternativas morais e religiosas conflitantes (Cf. FRANK, 2013, p. 148).

O filósofo Jelson Oliveira em sua obra *Negação e Poder*, comenta sobre a afirmação trabalhada por Dostoiévski em *Os Irmãos Karamázov*, de que se não existe Deus “tudo é permitido”, apontando para o que se tornará a forma mais comum de niilismo, correspondente a *crise dos valores supremos* (Cf. OLIVEIRA, 2018, p. 37).

³ Dostoiévski retratava as ideias niilistas, não no plano em que se costumava defende-las, mas, antes, tal como foram reformuladas por sua imaginação escatológica e levadas a suas consequências mais extremas (embora pouco coerentes). O objetivo dessas ideias, como sabemos muito bem, era altruísta e humanitário, inspirado na piedade e na compaixão pelo sofrimento humano; em sua origem estava o que Dostoiévski acreditava ser a natureza moral inerentemente cristã do povo russo. No entanto, não se alcançavam esses objetivos mediante a supressão total do fluxo espontâneo desses sentimentos, que dependiam da razão (entendida em termos tchernichevskianos de cálculo utilitarista) para dominar todas as potencialidades contraditórias e irracionais da personalidade humana e, na sua mais recente variante do bazarovismo, estimulavam o desenvolvimento de um egoísmo protonietzschiano entre uma elite de indivíduos superiores em quem deveriam ser postas as esperanças do futuro (FRANK, 2013, p. 149).

1. Niilismo, angústia e redenção no personagem Raskólnikov em *Crime e Castigo*

Percebe-se na leitura da obra *Crime e Castigo*, que o personagem Raskólnikov, cujo nome é derivado de *raskól* que: “significa cisão, dissidência e cisma religioso”⁴, características de conflito entre seus pensamentos que transitam entre um esforço contínuo em manter atitudes que seriam extremamente racionais e que entretanto, se defrontam com a dificuldade de sustentá-las. Por exemplo, o assassinato que ele comete no início da obra, ele busca justificá-lo, e mantém tal justificativa até o fim da obra, ao mesmo tempo, que sente-se atormentado por isso, esta situação perpassa a obra inteira, e pode ser visualizada em seu diálogo com Dúnia, sua irmã:

- Meu irmão, meu irmão, que coisa estás dizendo? Ora, tu derramaste sangue! – exclamou Dúnia em desespero.
- Que não param de derramar – emendou quase caindo em fúria - , que continuam derramando e neste mundo sempre derramaram como uma cascata, que derramam como champanhe, pelo qual se coroa no capitólio e depois chamam o coroado benfeitor da humanidade. Olha só atentamente e procura enxergar! Eu mesmo queria o bem das pessoas e faria centenas, milhares de coisas boas em vez dessa tolice, que nem tolice é, mas simplesmente uma falta de jeito, uma vez que toda essa ideia não tinha nada de tão tola como parece agora, depois do fracasso...(Depois do fracasso tudo parece tolo!) Com essa tolice eu queria apenas me colocar numa condição independente, dar o primeiro passo, conseguir recursos, e depois tudo seria reparado pela utilidade relativamente incomensurável do ato. Mas não suportei nem o primeiro passo, porque sou um patife! Eis em que consiste tudo! E ainda assim, não vou ver as coisas com a visão de vocês: se eu tivesse conseguido seria coroado, mas agora vou para a armadilha! (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 528)

Em decorrência da situação ele se declara ser “uma nulidade, um patife”, (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 533), e se reconhece de modo infeliz na categoria dos indivíduos ordinários, quando inicialmente pensava ser extraordinário, verificou que não conseguiu matar uma ideia, matou apenas uma velha: “eu queria ultrapassar o limite o quanto antes...eu não matei uma pessoa, eu matei um princípio! Foi um princípio que matei, mas ultrapassar, não ultrapassei, permaneci do lado de cá... A única coisa que eu soube fazer foi matar” (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 281).

Ele acreditava que algumas pessoas eram extraordinárias, como Licurgos, Sólon, Napoleões e conseguiriam se livrar da má consciência mesmo ao cometer um crime, se

⁴ In (Nota do Tradutor) p. 13.

este fosse em nome de um objetivo maior, pessoas que davam a si mesmas o direito: “o direito de permitir à sua consciência passar... por cima de diferentes obstáculos, e unicamente no caso em que a execução da sua ideia (às vezes salvadora, talvez, para toda a humanidade) o exija (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 265), tais indivíduos seriam considerados soberanos e nada lhe seria proibido, nestes casos ainda: “ao morrer é transformado em ídolo – logo, *tudo* lhe é permitido”⁵ (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 280); enquanto as pessoas ordinárias, apenas ofereceriam a matéria, com atitudes obedientes e servis, ele afirma que a humanidade em geral se dividem em duas categorias: “uma inferior (a dos ordinários), isto é, por assim dizer, o material que só serve para criar seus semelhantes; a outra, a dos indivíduos propriamente ditos, ou seja, os dotados de dom ou talento para dizer em seu meio *a palavra nova* (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 265-266). Estes proclamariam a destruição do presente em nome de algo melhor, então, capazes de matar o antigo em nome do novo.

O personagem Piotr Pietróvitch em diálogo com Zóssimov e Razumíkhin relata sobre as novas gerações que parecem trazer um modo mais claro de ver as coisas e também mais crítico, e que apenas o fato de se ter cortado o cordão umbilical com o passado já poderia ser considerado uma obra.

No transcorrer de *Crime e Castigo*, é possível perceber em Raskólnikov uma estranha sensação de indiferença e apatia, descolado dos sentidos, ele vive sozinho em um quarto miserável e apertado, e mantém certo distanciamento dos seus familiares e amigos, não existe um sentido atrelado ao trabalho (ele não tem emprego) e também não existe um sentido voltado ao social (não está vinculado a intuição familiar, política, ou social). Ele demonstra o quanto o mundo é indiferente, apesar de todas as dificuldades que sofre: miséria, alimentação e moradia precárias, vivendo em um cômodo imundo, escuro, apertado prestes a ser despejado, falta de dinheiro e condições financeiras para voltar a universidade). Os dias se passam sem sentido entre estar em seu quarto ruim a caminhadas sem rumo pelas ruas, se alimenta de modo mecânico com sopas de repolho, nada infere sentimento ou sentido. Se nada em sua vida é conferido sentido, por que ao crime seria?

Diante da indiferença do mundo, Raskólnikov presencia uma conversa de alguns jovens numa taberna sobre a justiça como uma correção da natureza, através de homens

⁵ Dostoiévski analisa essa questão do *tudo* lhe é permitido em outras obras, como *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*, como será demonstrado no desenvolvimento do artigo.

que são senhores do destino, já que o mundo é indiferente. Eles conversavam:

- Eu mataria e saquearia aquela velha maldita e lhe garanto que sem nenhum remorso – acrescentou o estudante com fervor.

O oficial voltou a gargalhar, mas Raskólnikov estremeceu. Como aquilo era estranho.

- Permita, eu quero lhe fazer uma pergunta séria – excitou-se o estudante. – É claro que eu estava brincando, mas preste atenção: por um lado é uma velhota tola, absurda, insignificante, má, doente, que não é útil a ninguém e, ao contrário, prejudica a todos, que não sabe para que vive e amanhã morre de morte natural. Está entendendo? Está entendendo? (...) Por outro lado, forças jovens, viçosas, sucumbem em vão por falta de apoio, e isso aos milhares, e isso em toda parte! Cem mil boas ações e iniciativas que poderiam ser implementadas e reparadas com o dinheiro da velha, destinado a um mosteiro! Centenas, talvez milhares de existências encaminhadas; dezenas de famílias salvas da miséria, da degradação, da morte, da depravação, das doenças venéreas – e tudo isso com o dinheiro dela. Mate-a e tome-lhe o dinheiro, para com sua ajuda dedicar-se depois a servir a toda a humanidade e a uma causa comum: o que você acha, esse crime ínfimo não seria atenuado por milhares de boas ações? Por uma vida – milhares de vidas salvas do apodrecimento e da degradação. Uma morte e cem vidas em troca – ora, isso é uma questão aritmética. Aliás, o que pesa na balança comum a vida dessa velhota tísica, tola e má? Não mais que a vida de um piolho, de uma barata, e nem isso ela vale porque a velhota é nociva. Ela apoquentava a vida dos outros: por esses dias mesmo mordeu um dedo de Lisavieta com raiva: por pouco não arrancou!

- É claro que ela não merece viver – observou o oficial -, mas isso é coisa pra natureza. (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 73)

No raciocínio deles, era preciso ao humano corrigir e direcionar, caso contrário, justiça alguma ocorreria. Raskólnikov observou a conversa deles e considerou isto uma coincidência estranha, já que em dias anteriores chegou a cogitar, embora sem admitir para si mesmo, em matá-la. Idéia que fora se tornando mais forte, até de fato, que ele a assassinara. Anterior ao crime, ele estava confuso, nervoso, trêmulo, pensando se seria melhor voltar atrás, mas seguiu a diante com seu plano, e chegando no local, assassinou a velha a machadadas:

Súbito, mais uma vez quis largar tudo e ir embora. Mas foi apenas um instante, era tarde para ir embora. Chegou até a rir de si mesmo, e súbito bateu-lhe outro pensamento inquietante. Eis que lhe pareceu que a velha ainda estivesse viva e ainda pudesse voltar a si. Largando as chaves, e a cômoda, ele correu de volta ao corpo, a garrou o machado e o levantou mais uma vez sobre a velha, mas não o desceu. Não havia dúvida: ela estava morta. Inclinando-se examinou-a outra vez mais de perto, viu com clareza que o crânio estava esfacelado e até levemente deslocado. Quis tocá-la mas afastou a mão; já estava tudo claro. Entrementes o sangue já havia formado uma verdadeira poça (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 85-86)

Ele matou também Lisavieta, que chegou ao local do crime e ficou parada olhando para a sua irmã morta no chão. Não havia planejado matar Lisavieta, mas ela chegou naquele momento inoportuno: “o pavor se apoderava dele cada vez mais, sobretudo depois

desse segundo assassinato totalmente inesperado” (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 88)

Ele se apodera de alguns objetos de ouro, como pulseiras, brincos, alfinetes, e sai pela rua, depois, os esconde sobre uma pedra em uma rua qualquer. Desse momento, ele segue oscilando entre febre, vertigens, paranóia e momentos em que recobra a razão. Pensava também se deveria entregar-se na delegacia, ou não: “mas não vinha resposta de lugar nenhum; tudo estava surdo e morto como as pedras por onde ele andava, morto para ele, só para ele (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 181).

Na obra, descrevem-no como um homem frio, insensível, egoísta, mas também magnânimo, generoso, como uma rosa primaveril. Esta ambiguidade revela certa antinomia, como comenta Joseph Frank sobre a criação do personagem Raskólnikov:

Quando criou Raskólnikov, o desejo de Dostoiévski era exemplificar todos os perigos em potencial contidos em semelhante ideal; e os traços morais e psicológicos de seu personagem incorporam a antinomia entre, de um lado, a bondade instintiva, a compaixão e a piedade e, de outro, um egoísmo orgulhoso e idealista que se degradou num desdém insolente pelo rebanho submisso (FRANK, 2013, p. 149).

As outras figuras importantes da obra, também estão integradas nas oscilações entre esses dois pólos: “cada uma delas é *quase duplo* que personifica, numa encarnação muito mais intensificada, uma ou outra das antíteses conflitantes dentro do caráter e das idéias de Raskólnikov” (FRANK, 2013, p. 149). Joseph Frank comenta que para Bakhtin⁶ todos os personagens que o assassino tem contato, transforma-se para ele, em uma solução personificada de seu problema pessoal, porém, diferente daquela que ele havia chegado, desta forma, todos os personagens tocam em um ponto frágil e dolorido dele e assumem um papel firme em sua fala interior (Cf. FRANK, 2013, p. 149).

Na obra, o crime acontece na primeira parte, enquanto as outras cinco partes são destinadas ao castigo, Raskólnikov passa seus dias perturbado buscando justificar para si mesmo que pertence aquele grupo de homens extraordinários que estão acima da lei e da moral, e assim, comprovaria sua tese, ou então, sucumbir ao que acreditava e aceitar que era apenas um criminoso comum, se entregar, assumir a culpa e talvez até sentir remorso. Entre raciocínios incessantes, apresentando argumentos e contra argumentos, as

⁶ Mikhail Bakhtin, *Problems of Dostoevsky's Poetics*, trans. And ed. Caryl Emerson, Minneapolis, 1984, p. 258. In: FRANK, 2013, p. 149.

reformulações que se passam em seu pensamento são extremamente exaustivas, como um labirinto tortuoso sem resposta alguma. O personagem segue atormentado mentalmente, com febre, e por vezes chega quase ao delírio em seu estado de exaustão. Ao final da sexta parte, Raskólnikov não suporta o peso e se entrega, sua sentença é relatada no epílogo, onde ele é levado a Sibéria⁷ a um campo de trabalhos forçados. Entretanto, na prisão, ele não se entrega ao arrependimento, o qual poderia representar um alento, e sem descanso o seu castigo continua, ele ainda não encontra paz e a tortura psicológica persiste, seu único arrependimento consiste em ter se entregado, em não pertencer ao grupo de homens extraordinários e não ser o grande homem que ele pensava ser: “aqueles homens aguentaram os seus passos e por isso *estavam certos*, mas eu não aguentei e, portanto, não tinha o direito de me permitir esse passo” (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 555). Ele se sentia decepcionado e envergonhado diante de si mesmo por sua constatação:

Mas não era da cabeça raspada e dos grilhões que se envergonhava: seu orgulho estava fortemente ferido; era de orgulho ferido que estava doente. Oh, como seria feliz se pudesse acusar-se a si próprio! Aí suportaria tudo, até a vergonha e a humilhação. Mas ele fizera um julgamento severo de si mesmo, e sua consciência obstinada não descobriu nenhuma culpa especialmente terrível no seu passado, a não ser uma simples *falha* que podia acontecer a qualquer um. Sentia vergonha mesmo era de que ele, Raskólnikov, houvesse se destruído de maneira tão cega, irremediável, confusa e tola, cumprindo alguma sentença do destino cego, e devia resignar-se e submeter-se ao “absurdo” de uma sentença qualquer se quisesse encontrar um mínimo de tranquilidade para si (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 554)

Ele olhava para o presente e encontrava apenas inquietação vaga e vazia, ao olhar para o futuro, observava que dentro de alguns anos viveria um sacrifício constante, do qual nada resultaria, e mesmo que pudesse recomeçar, se questionava, de que isso lhe serviria, ele não queria viver só para existir: “sempre achara pouco existir; sempre quisera mais. Talvez tivesse sido só pela força dos seus desejos que então se considerara um homem a quem era permitido mais que aos outros” (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 554-555). Ele percebia que se ao menos o destino tivesse lhe enviado um arrependimento genuíno, então poderia ser feliz, pois as lágrimas e o sofrimento também representam a vida, mas nem isso sentia: “já na prisão, *em liberdade*, mais uma vez analisou e ponderou todos os seus atos pregressos e os achou absolutamente tão tolos e vis como lhe pareciam antes, naquele período fatal

⁷ Dostoiévski descreve um quadro da prisão de Omsk, situada à margem do rio Irtych, onde ele mesmo passou quatro anos. A mesma fortaleza é descrita em *Escritos da casa morta* (N. da E.) In: DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 545.

(...) Mas ele não se arrependia do seu crime (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 555).

O próprio modo como o protagonista explica para si mesmo e para Dúnia o crime revela que ele não se arrependia do crime em si, apenas em não ser o homem extraordinário:

- Será que tu, ao assumires o sofrimento, já não apagas metade do teu crime? – exclamava Dúnia, apertando-o em seus braços e beijando-o.
- Crime? Que crime? – bradou ele subitamente, caindo em repentina fúria. – O fato de eu ter matado um piolho nojento, nocivo, uma velhota usurária, que não faz falta a ninguém? Tem cem anos de perdão o matador de um ladrão que sugava a seiva dos pobres; isso lá é crime? Não penso nele nem em lavá-lo. E que história é essa de ficarem me apontando de todos os lados: “Crime, crime!”. Só agora vejo com clareza todo o absurdo da minha pusilanimidade, agora que me resolvi a assumir essa vergonha desnecessária! É simplesmente por minha baixaza e mediocridade que me resolvo, sim, e ainda pela vantagem, como me propôs esse... Porfiri! (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 526-528).

Apesar da sua indignação, em diálogo com Sônia, ele revela que não matou para obter dinheiro, ajudar sua mãe e irmã ou ser benfeitor da humanidade, seu objetivo era ousar e, por isso, matou. Depois, concluiu que para ele, o homem não era um piolho, e que se voltasse atrás, talvez nunca mais repetisse o assassinato:

Se eu me fazia a pergunta: o homem é um piolho? – é que, portanto, o homem não era um piolho *para mim* mas era um piolho para aquele a quem isso não entra na cabeça e vai em frente sem fazer perguntas... E se passei tantos dias sofrendo por saber: Napoleão o faria ou não?
- então eu já percebia claramente que não sou Napoleão... (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 424).

Ele se questionava se tinha ou não o direito de matar, e então conclui que ele não tinha o direito de matar porque era um piolho como todos os outros: “Por acaso eu matei a velhota? Foi a mim que matei, não a velhota! No fim das contas, matei simultaneamente a mim mesmo, para sempre!...” (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 425).

Dentre os aspectos notáveis das obras, tais quais sugerem que Dostoiévski, ao conduzir seus personagens a vivenciar o niilismo de modo radical, demonstra que eles não conseguem sustentar a angústia da liberdade total, nem o tudo é permitido, nem a ausência de leis morais, chegando por fim, a aceitação da fragilidade humana, num estado de redenção. No caso de Raskólnikov, após passar um tempo na prisão, descobre um amor por Sônia: “Os dois eram pálidos e magros; mas nesses rostos doentes e pálidos já raiava a aurora de um futuro renovado, pleno de ressurreição e vida nova” (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 562):

Ele nem sequer sabia nem que essa nova vida não lhe sairia de graça, que ainda deveria pagar caro por ela, pagar por ela com uma grande proeza no futuro... Mas aqui já começa outra história, a história da renovação gradual de um homem, a história do seu gradual renascimento, da passagem gradual de um mundo a outro, do conhecimento de uma realidade nova, até então totalmente desconhecida. Isto poderia ser o tema de um novo relato – mas este está concluído (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 563)

Ao final de *Crime e Castigo*, após todos os tormentos que Raskólnikov vivencia consigo mesmo em suas infundáveis formulações e possíveis reformulações do mesmo ato, Dostoiévski encerra a obra não isentando de problemas a nova vida que viria, mas deixa transparecer a ideia de uma aurora de redenção.

2. Considerações comentadas por Albert Camus sobre as obras *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*

O comentador da obra de Dostoiévski Joseph Frank, afirma que paralelamente a *Memórias do Subsolo* e *Crime e Castigo*, o romance *Os demônios* exerce um lugar importante na luta permanente do autor contra o niilismo russo dos anos de 1860. Contrariamente as duas primeiras, o romance não se trata apenas de uma projeção do autor com consequências imaginativas, morais e emotivas da ideologia radical, mas se baseia em maior parte no material que Dostoiévski reuniu sobre o caso do assassinato do estudante I. I. Ivanov por um grupo niilista liderado por Nietcháiev.

O romance é adaptado como peça de teatro por Camus, dirigida por ele próprio, trazia uma linguagem seca e sóbria, mas que representava grande lucidez e intensidade dramática, foi apresentada com o título de *Os possessos*, no qual um povo que desconhecendo os princípios sociais caminhava rumo à perdição julgando salvar-se⁸.

Camus nutria especial admiração por Dostoiévski e Nietzsche. Ele os cita diretamente em obras como *O Homem Revoltado*, *O Mito de Sísifo*, *Cadernos*, *Conferências e Discursos*, incorporando esses pensadores e suas ideias sobre niilismo, liberdade e a angústia da existência no diálogo com suas obras sobre o absurdo.

Dentre as *Conferências e Discursos* que Camus realizou no período de 1937 a 1958, ele reflete no texto intitulado *Por Dostoiévski*, publicado em 1957 pela revista *Témoins*, a

⁸ *In*: N. T. CAMUS, n/d.

importância do pensador russo para a literatura e para o cenário filosófico devido aos debates sobre as questões como Deus, imortalidade, niilismo, Camus afirma: “Admirei Dostoiévski antes de mais nada pelo que ele me revelava da natureza humana. Revelar é bem a palavra. Pois ele só nos ensina o que sabemos, mas nos recusamos a conhecer” (CAMUS, 2023, p. 288-289). Além disso, reitera que a lucidez a qual Dostoiévski empregava em suas obras era impressionante. Para Camus, anterior a Nietzsche, Dostoiévski soube identificar o niilismo contemporâneo e defini-lo através de labirintos horrendos até tentar identificar o caminho da redenção:

Seu tema principal é o que ele mesmo chama de “espírito profundo, espírito de negação e de morte”, ao espírito que, reivindicando a liberdade ilimitada do “tudo é permitido”, vai dar na destruição de tudo ou na servidão de todos. Seu sofrimento pessoal vem do fato de participar disso e, ao mesmo tempo, recusar aquilo de que participa. Sua esperança trágica é curar a humilhação com a humildade e o niilismo com a renúncia (CAMUS, 2023, p. 289)

Para Camus, a atualidade de Dostoiévski retrata que: “nosso mundo bem morrerá ou terá de lhe dar razão. Venha esse mundo a morrer ou a renascer, Dostoiévski, nos dois casos estará justificado (...) Ainda hoje ele nos ajuda a viver e a ter esperança (CAMUS, 2023, p. 290).

Ao pensar sobre o sentido da vida considerando a perspectiva do absurdo e do niilismo, Camus traz para a análise o romancista russo e seus heróis, que bem retratam os dilemas da existência que, por vezes, acabam no que Dostoiévski denominou em *Diário de um escritor* de “suicídio lógico”⁹. Camus examina as soluções extremas apontadas por Dostoiévski em seus romances com imensa intensidade: “A existência é enganosa ou é eterna. Se Dostoiévski se contentasse com essa análise, seria filósofo. Mas ele ilustra as consequências que esses jogos do espírito podem ter na vida de um homem e por isso é um artista” (CAMUS, 2019, p. 121).

Em anotações de 1876, Dostoiévski imagina a sensatez e a racionalidade do

⁹ O meu artigo “Uma frase” baseia-se numa ideia fundamental e suprema da existência humana: que é inevitável e indispensável ter a convicção de que a alma humana é imortal. A ideia por trás dessa confissão de um homem que vai morrer “por suicídio lógico” é a necessidade de uma conclusão imediata: que sem fé na alma e na imortalidade dessa alma, a existência humana é antinatural, inconcebível e insuportável. E parecia-me que tinha expressado claramente a fórmula do suicídio lógico, que a tinha encontrado. Ele não tem fé na imortalidade, como explicado no início. Aos poucos, a ideia de que sua existência não tem sentido e seu ódio à indiferença do mundo ao seu redor o levam à inevitável convicção de que a existência do homem na terra é um completo absurdo. (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 263)

“suicídio lógico” apoiado no fato de que a existência humana é um absurdo para quem é desprovido de fé na imortalidade:

Visto que a resposta às minhas perguntas sobre a felicidade que recebo da minha consciência é de que só posso ser feliz em harmonia com o grande todo que não concebo, nem nunca poderei conceber, é evidente... (...) na minha qualidade indiscutível de querelante e querelado, de juiz e acusado, condeno essa natureza que, com tão impudente desaforo, fez-me nascer para sofrer – eu a condeno a ser aniquilada comigo (CAMUS, 2019, p. 122).

O suicida lúcido destas circunstâncias no ato de se matar também se sente vingado. O tema aparece de modo ainda mais amplificado no personagem Kirilov de *Os demônios*¹⁰ (1872). Outro personagem de Dostoiévski, Ivan, no poema sobre *O Grande Inquisidor* presente na obra *Os Irmãos Karamázov* (1879) também aborda essa questão:

O segredo da existência humana está não apenas em viver, mas também em encontrarum motivo para viver. Sem uma ideia clara do motivo da existência, o homem prefererrenunciar a vida, mesmo cercado por montes de pães, prefere destruir-se a permanecer na terra (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 282)

Kirilov expressa seu desejo de sair da vida fundamentado em deduções acerca do que equivale a uma existência absurda. O “suicídio lógico” é elaborado por um pensamento que o prepara para a morte, a intenção revela uma insubordinação e liberdade, num ato de revolta:

“Eu me matarei para afirmar minha insubordinação, minha nova e terrível liberdade”. Não se trata mais de vingança e sim de revolta. Kirilov é, então, um personagem absurdo – mas com uma reserva essencial: ele se mata. Mas é ele mesmo quem explica esta contradição, e de tal maneira que revela ao mesmo tempo o segredo absurdo em toda a sua pureza. Acrescenta, de fato, à sua lógica mortal uma ambição extraordinária que dá ao personagem toda a sua perspectiva: ele quer se matar para tornar-se deus (CAMUS, 2019, p. 123)

Na obra *Os demônios*, o diálogo entre Piotr Stiepánovitch e Kirilov demonstra a intenção de Kirilov de tornar-se um deus ao suicidar-se, baseado no raciocínio de que se Deus não existe, toda a vontade seria dele próprio e com seu assassinato, proclamaria então o arbítrio, e que a ideia de Deus tratava-se de um conforto que não alcançaria aqueles

¹⁰ Em uma de suas traduções no Brasil e em alguns outros idiomas, o romance *Os demônios* saiu com o título *Os possessos*. Trata-se não de tradução, mas de interpretação ou deturpação do título original *Biêsi* (pronuncia-se “biêssi”), plural de *biês*, que significa demônio. O termo “possessos” em russo é representado pelo adjetivo plural *odierjímie* ou *odierjímie bésom*, isto é, possuídos pelo demônio ou possessos. O título do romance está vinculado à famosa passagem do Evangelho de Lucas: “Esses demônios, que saem de um doente e entram nos porcos, são todas as chagas, todos os miasmas, toda a imundície [...] que se acumularam na nossa Rússia grande, doente e querida para todo o sempre” In: N. T. (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 07)

que não poderiam crer, e dentre esses indivíduos, alguns não iriam suportar uma existência sem sentido ou finalidade, a qual podemos assim deduzir, no ápice no niilismo:

Pois bem, nunca consegui compreender esse ponto do seu pensamento: por que você é Deus?

- Se Deus existe, então toda a vontade é Dele, e fora da vontade Dele nada posso. Se não existe, então toda a vontade é minha e sou obrigado a proclamar o arbítrio.

- Arbítrio? E por que obrigado?

- Porque toda a vontade passou a ser minha. Será que ninguém, em todo o planeta, depois de ter eliminado Deus e acreditado no arbítrio, não se atreve a proclamar o arbítrio no seu aspecto mais pleno? É o que ocorre com aquele pobre que recebe uma herança, fica assustado e não se atreve a chegar-se ao saco por se achar fraco para possuí-lo. Quero proclamar o arbítrio. Ainda que sozinho, mas o farei.

- E faça.

- Sou obrigado a me matar, porque o ponto mais importante do meu arbítrio é: eu mesmo me matar (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 597-598)

Kirilov se considerava assim ser o único na história que pela primeira vez optou em não inventar um deus, em seu entendimento seria importante que Deus existisse, contudo ele compreende que Deus não existe e nem poderia existir e essa seria uma razão suficiente para sematar. Para ele, o atributo da divindade é a independência e, desse modo, o sentido da premissa de Kirilov consiste em: “Se Deus não existe, eu sou deus”, o que implica em agir como uma divindade que não se submete a um ser mortal, e, conseqüentemente, é livre. Entretanto, as conseqüências dessa independência trazem também um gosto amargo, pois: “se Deus existe, tudo depende dele e nada podemos fazer contra a sua vontade. Se não existe, tudo depende de nós. Para Kirilov, assim como para Nietzsche, matar Deus é tornar-se deus” (CAMUS, 2019, p. 124).

Sobre esses aspectos, Camus questiona: “Se esse crime metafísico basta para a realização do homem, por que lhe acrescentar o suicídio? Por que se matar, abandonar este mundo depois de conquistar a liberdade? É contraditório” (CAMUS, 2019, p. 124). Para explicar essa questão, Camus aponta que o próprio personagem Kirilov responde a esse respeito: “Se tu sentes isso, és um czar e, ao contrário de matar-te, viverás no auge da glória”. Mas os homens não sabem disso. Não sentem “isso”. Como no tempo de Prometeu, alimentam em si cegas esperanças¹¹. Precisam que lhes mostrem o caminho”

¹¹ “O Homem limitou-se a inventar Deus para não se matar.” (CAMUS, 2019, p. 125)

(CAMUS, 2019, p. 125). Esse trecho é retratado ainda no diálogo entre Piotr Stiepánovitch e Kirílov:

- Mas veja, e se o senhor for um deus? Se a mentira acabou e o senhor percebeu que toda a mentira provinha do fato de que antes houve um deus?

- Até que enfim compreendeste! – bradou Kirílov em êxtase. – Então dá para compreender, se até uma pessoa como tu compreendeu! Agora compreendes que a salvação para todos está em provar a todos essa ideia. Quem provará? Eu! Não compreendo como até hoje um ateu pôde saber que Deus não existe e não se matou no ato! É um absurdo alguém reconhecer que Deus não existe e no mesmo instante não reconhecer que é um Deus, senão ele mesmo se mataria. Se você o reconhece, é um rei e você mesmo já não se matará e irá viver na mais alta glória. Mas um, aquele que foi o primeiro, deve se matar infalivelmente, senão quem irá começar a provar? Serei eu mesmo a me matar infalivelmente para começar e provar. Ainda sou apenas um Deus involuntário e sou infeliz por ser *obrigado* a proclamar meu arbítrio. Todos são infelizes porque todos temem proclamar seu arbítrio. (...) Sou terrivelmente infeliz porque sinto um terrível medo. O medo é a maldição do homem. Mas proclamo meu arbítrio e sou obrigado a crer que não creio. Começarei, terminarei, e abrirei a porta. E salvarei. Só isso salvará todos os homens, e já na geração seguinte eles renascerão fisicamente; porque na feição física de hoje, segundo penso, será impossível ao homem passar sem o antigo Deus. Durante três anos procurei o atributo da minha divindade e o encontrei: o atributo da minha divindade é o Arbítrio! Isso é tudo com que posso revelar, em sua parte central, minha insubordinação e minha liberdade nova e terrível. Porque ela é muito terrível. Mato-me para dar provas de minha insubordinação e de minha liberdade terrível e nova (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 599-600)

No ponto extremo de sua contatação e infelicidade, Kirílov acaba se suicidando, Piotr Stiepánovitch que fugia depois da sua discussão com Kirílov, acaba retornando após ouvir o disparo e o encontra morto no chão: “O tiro fora dado na têmpora direita e a bala saíra pelo lado esquerdo e perfurara o crânio. Viam-se salpicos de sangue e cérebro. O revólver permanecera na mão do suicida arriada no chão” (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 605).

Camus comenta sobre esse trecho que Kirílov se mata por amor à humanidade, se sacrifica mesmo invadido por uma lúcida melancolia, afirma ser infeliz por sentir-se obrigado a afirmar a sua liberdade. Morto, a Terra se encherá de czares que viverão a glória humana, e o tiro da pistola de Kirílov mostrará o sinal da última revolução (Cf. CAMUS, 2019, p. 125).

Ainda no contexto de niilismo a obra *Os Irmãos Karamázov* representa outro grande clássico, nele, o personagem Ivan conta a Aliocha sobre um poema que talvez possa ser considerado absurdo, intitulado *O Grande Inquisidor*, neste poema, o velho inquisidor afirma que a humanidade nunca se acreditou tão livre como no presente, entretanto, depositam essa liberdade servilmente aos comandos de outros. Este velho

senhor se orgulha em afirmar que seu trabalho consiste nisso, em suprimir a liberdade dos outros, para que eles sejam felizes, pois: “o homem foi criado rebelde; rebeldes podem ser felizes?” (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 279).

O inquisidor prossegue afirmando que nada nunca foi mais insuportável para a humanidade do que a liberdade, eles a temem, e são seres famintos implorando que os alimentem mesmo que seja com mentiras, desde que sejam confortáveis. O fragmento a seguir retrata isso de modo bastante claro:

“Escravizem-nos, mas alimentem-nos”. Enfim, eles vão compreender que a liberdade e o pão da terra, farto para todos, são incompatíveis, pois eles nunca saberão dividir! Assim, vão se convencer da incapacidade de serem livres, enquanto frágeis, depravados, medíocres e revoltados. Tu lhes prometeste pão do céu, mas este pode ser comparado ao pão terrestre... aos olhos de uma raça humana tão frágil, eternamente depravada e ingrata? (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 281).

O Inquisidor afirma que a humanidade como um todo sempre busca alguém, uma ideia ou algo para adorar. Para o homem, uma vez livre: “não há preocupação mais constante, mais dolorosa, do que encontrar, com maior rapidez, “a quem adorar” (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 282).

Assim, a condição humana sedenta e faminta por sentido torna-se alvo fácil a ser manipulado. Na ansiedade de encontrar um motivo para viver e não encontrando uma ideia clara que o justifique, o sujeito prefere renunciar à vida, aniquilar-se, mesmo cercado por “pães”. Desse modo: “os homens são escravos, embora tenham sido criados rebeldes” (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 284) e se tornarão cativos entregando a própria liberdade e consciência por não suportar o seu peso:

Nós tornaremos todos os homens felizes; as revoltas e os massacres, inseparáveis de Tua Liberdade, vão cessar. Oh, nós os convenceremos de que só serão livres se se livrarem de sua própria liberdade, depositando-a em nossas mãos, submetendo-se a nós. Bem, diremos a verdade ou mentiremos? Eles mesmos se convencerão de que dissemos a verdade, pois vão se lembrar da servidão, das preocupações em que a Tua liberdade os tem mergulhado. A independência, o livre-pensamento, a ciência, vão deixá-los perdidos em um labirinto imenso, em meio a prodígios tão grandes, a enigmas tão imensos que alguns, furiosos rebeldes, destruirão a si mesmos; outros, frágeis rebeldes, vão se exterminar uns aos outros, e os sobreviventes, frágeis e miseráveis, rastejarão aos nossos pés, clamando: ‘Sim, vocês tinham razão, só vocês sabem Seu segredo. Voltamos a vocês; por favor, salvem-nos de nós mesmos!’ - recebendo o pão de nós, eles logo verão que tomamos os seus pães, ganhos pelo seu próprio trabalho, para distribuir-lhes, sem milagre algum; verão que não transformamos as pedras em pães; mas o que mais lhes dará prazer não será o próprio pão, e sim recebê-lo de nossas mãos! (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 286)

Dessa forma, a humanidade, cativa em submissão absoluta, vende a liberdade e a

consciência lúcida para se tornar feliz, ao longo do tempo os seres humanos agem como tímidos, medrosos e agradecidos por retirarem-lhes o peso de escolher por si mesmos. Nesse ponto, a obra de Camus revela que o sujeito que escolhe encarar o absurdo da vida, recolhe para si, no auge da sua revolta, a liberdade, a consciência e a paixão.

Camus afirma que os personagens de Dostoiévski vivenciam verdades absurdas e esses temas aparecem nos personagens aqui destacados (como Kirilov, Stavroguin, Ivan Karamázov). A morte de Kirilov é capaz de libertar desses modelos de existência, a fim de que eles possam viver como czares. Desse modo, Camus conclui que romances como o *Diário* desenvolvem a questão absurda instaurando a lógica até a morte, a liberdade “terrível”, a glória dos czares, do “Tudo é permitido”, como afirma Ivan, representa os juízos absurdos onde jazem as angústias cotidianas. (Cf. CAMUS, 2019, p. 125).

Camus defende que, em Dostoiévski, a revolta vai além do revoltado romântico, que desejava falar com Deus como entre iguais, sem o desejo de contestar o poder, nem o espaço da divindade. Esse cenário muda com Ivan Karamázov e Deus passa a ser julgado, inaugurando, desse modo, o trabalho essencial da revolta que implica na substituição do reino da graça pelo da justiça (Cf. CAMUS, 2018, p. 81).

‘Se o sofrimento das crianças’, diz Ivan, ‘serve para completar a soma das dores necessárias à aquisição da verdade, afirmo desde já que essa verdade não vale tal preço’. Ivan recusa a dependência profunda que o cristianismo introduziu entre o sofrimento e a verdade. O mais profundo clamor de Ivan, o que abre os abismos mais perturbadores sob os pés do revoltado, é o mesmo se. ‘Minha indignação persistiria mesmo se eu estivesse errado. (CAMUS, 2018, p. 81)

Ou seja, mesmo se Deus existisse e o mistério ocultasse uma verdade, Ivan não aceitaria que tal verdade fosse paga com o mal, com o sofrimento e a morte de inocentes, imersa em uma fé resignada à injustiça. De modo contrário, a revolta exige “tudo ou nada”, e Ivan se sente solidário com os malditos pois, se ele fosse salvo e outros não, o sofrimento ainda persistiria, a salvação se tornaria então impossível para aquele que experimenta a compaixão. Um passo à frente do “tudo ou nada chegamos ao todos ou ninguém” (Cf. CAMUS, 2018, p. 82). Tal determinação extrema seria suficiente aos românticos, mas Ivan Karamázov vive de fato seus problemas envolto em aflição entre o sim e o não:

Se recusar a imortalidade, que lhe resta? A vida no que ela tem de elementar. Suprimido o sentido da vida, ainda resta a vida. “Eu vivo”, diz Ivan, “a despeito da lógica”. E mais: “Se não tivesse mais fé na vida, se duvidasse da mulher amada,

da ordem universal, persuadido pelo contrário de que tudo nada mais é do que um caos infernal, mesmo assim eu desejaria viver, apesar de tudo". Ivan vai, portanto, viver e vai amar também "sem saber por quê. Mas viver é também agir. Em nome de quê? Senão há imortalidade, não há nem recompensa nem castigo, nem bem nem mal (...) se não há virtude, não há mais lei: 'Tudo é permitido' (CAMUS, 2018, p. 83)

Camus afirma que a história do niilismo contemporâneo se inicia com este "tudo é permitido". Na revolta romântica, tudo *não* era permitido e de modo insolente lançava-se rumo ao proibido, mas, nos Irmãos Karamázov, de modo contrário, a indignação fará a revolta voltar-se contra si mesma, numa contradição desesperada:

Para protestar contra o mal e a morte, ele preferiu, portanto, dizer, propositadamente, que a virtude, tanto quanto a imortalidade, não existe e deixar que matassem o seu pai. Ele aceitava voluntariamente o próprio dilema; ser virtuoso e ilógico ou lógico e criminoso. Seu protótipo, o diabo, tem razão quando lhe sussurra: "Vais realizar uma ação virtuosa, e, no entanto, não acreditas na virtude, eis o que te irrita e atormenta. (CAMUS, 2018, p. 84)

O questionamento formulado por Ivan Karamázov coloca em evidência o progresso que Dostoiévski traz à revolta, que se refere a uma importante questão que interessa a Camus: é possível viver mantendo-se permanentemente na revolta? (Cf. CAMUS, 2018, p. 84). De acordo com Camus, a resposta de Ivan é afirmativa no sentido de ser possível viver na revolta ao levá-la ao extremo - e o extremo da revolta metafísica é a revolução metafísica, pois se Deus e a imortalidade da alma não existem, surge um espaço aberto para o homem se tornar Deus, reconhecendo que tudo é permitido e criando as suas próprias leis. Entretanto, Ivan percebe que para torna-se Deus será preciso também aceitar o crime, e assim, sufocado por uma virtude injustificável e um crime inaceitável, acaba morto pela contradição:

Sem que seja necessário desenvolver raciocínios intermediários, percebe-se assim que tornar-se Deus é aceitar o crime (a ideia favorita, igualmente, dos intelectuais de Dostoiévski). O problema pessoal de Ivan é, portanto, saber se será fiel a sua lógica, partindo de um protesto indignado diante do sofrimento inocente, aceitará o assassinato do pai com a indiferença dos homens deuses. Conhecemos a sua solução: Ivan deixará que o pai seja morto. Profundo demais para que o parecer lhe baste e sensível demais para agir, ele se contentará em deixar que o façam. Mas vai enlouquecer. O homem que não compreendia como se podia amar o próximo também não compreende como se pode matá-lo. Espremido entre uma virtude injustificável e um crime inaceitável, devorado pela piedade e incapaz de amar, um solitário privado do socorro do cinismo, esse homem de inteligência soberana será morto pela contradição. (CAMUS, 2018, p. 85)

Desse modo, Camus assevera que Ivan Karamázov traz luz ao rosto desfigurado do revoltado nos abismos, onde o incapacitado para a ação é fulminado entre a ideia de

inocência e o desejo de matar. Ivan repudia a pena de morte, mas ao mesmo tempo trilha seu caminho em direção ao crime: “Por ter tomado o partido dos homens, ele recebe na partilha a solidão. A revolta da razão, no seu caso, termina em loucura” (CAMUS, 2018, p. 88).

Todavia, para Camus, o naufrágio acima demonstrado na exposição do problema não impede que a revolta prossiga rumo à ação e esse movimento é inicialmente apontado por Dostoiévski por meio da figura do Grande Inquisidor, o poema narrado por Ivan,

Ivan, finalmente, não separa a criação do seu criador. ‘Não é a Deus que rejeito’, diz ele, ‘mas a criação’. Em outras palavras, é Deus pai, inseparável daquilo que criou. Seu projeto de usurpação continua, portanto, inteiramente moral. Ele não quer reformar nada na criação. Mas sendo a criação o que é, exige dela o direito de emancipar-se moralmente, junto com toda a humanidade. A partir do momento, pelo contrário, em que o espírito de revolta, ao aceitar o ‘tudo é permitido’ e o ‘todos ou ninguém’, visa refazer a criação para garantir a realeza e a divindade dos homens, a partir do momento em que a revolução metafísica se estende do moral ao político, tem início uma nova empresa, de alcance incalculável, também oriunda, é preciso assinalar, do mesmo niilismo. (CAMUS, 2018, p. 86)

O Grande Inquisidor vê na humanidade uma fusão de preguiça e covardia que prefere a paz e a morte, a escolher a liberdade para discernir entre bem e mal: “De Paulo a Stalin, os papas que escolheram César prepararam o caminho dos césares que só escolhem a si mesmos. A unidade do mundo, que não foi feita com Deus, agora tentará fazer-se contra Deus” (CAMUS, 2018, p. 88). E mais:

Nega-se Deus em nome da justiça, mas a ideia de justiça pode ser compreendida sem a ideia de Deus? Não nos achamos desse modo no absurdo? É com o absurdo que Nietzsche se defronta. Para melhor superá-lo, ele o leva a extremos: a moral é a última face de Deus que deve ser destruída, antes que se comece a reconstrução. Deus não mais existe e não garante mais a nossa existência; o homem deve ter a determinação de fazer para existir. (CAMUS, 2018, p. 89)

Entretanto, a liberdade imaginada para o homem sem Deus passa a ser concretizada na história que recebe o “sim”; porém, o humanitarismo surge como um cristianismo privado de justificação superior, preservando as causas finais e rejeitando a causa primeira e, nesse sentido, evadido da prisão de Deus, se constroem novas prisões no âmbito da história e da razão. Essa construção de novas prisões é amplamente demonstrada na fala do *Grande Inquisidor* de Dostoiévski. Camus também reflete sobre esse fato:

Caminha-se rumo a uma escravidão espiritual como nunca se viu antes... O cesarismo intelectual paira acima de toda a atividade dos homens de negócio e

dos filósofos”. Colocada no crisol da filosofia nietzschiana, a revolta, em sua loucura de liberdade, culmina no cesarismo biológico ou histórico. O não absoluto levava a Stirner a divinizar simultaneamente o crime e o indivíduo. Mas o sim absoluto acaba universalizando o assassinato e o próprio homem ao mesmo tempo. O marxismo-leninismo realmente aceitou o ônus da vontade de Nietzsche, mediante o desconhecimento de algumas virtudes nietzschianas. O grande rebelde cria, então, com as próprias mãos, para nele se confinar, o reino implacável da necessidade. Tendo escapado da prisão de Deus, sua primeira preocupação será a de construir a prisão da história e da razão, completando assim o escamoteamento e a consagração desse niilismo que Nietzsche pretendeu dominar (CAMUS, 2018, p. 111)

Por meio da razão, os antigos grilhões acerca da ideia de Deus e da religião foram emancipados, entretanto, tal emancipação trouxe com ela o problema do esvaziamento de sentidos, e portanto, a crise de valores e fundamentos, seja com referência a eficácia de se acessar as verdades do mundo, ou, como crença na existência destas verdades (Cf. OLIVEIRA, 2018, p. 38). Neste sentido: “A emancipação, assim, ganhava contornos de uma revolta contra as legislações de sentidos vigentes, algo que Dostoiévski captou tão bem e que Nietzsche utilizou como matéria-prima de sua filosofia” (OLIVEIRA, 2018, p. 38).

Considerações finais

Dentre os aspectos notáveis das obras, tais quais sugerem que Dostoiévski, ao conduzir seus personagens a vivenciar o niilismo de modo radical, demonstra que eles não conseguem sustentar a angustia da liberdade total, nem o *tudo é permitido*, nem a ausência de leis morais, chegando por fim, a aceitação da fragilidade humana, num estado de redenção.

Além disso, percebe-se os aspectos dualistas de seus personagens, os quais demonstram a própria ambiguidade e dilemas existências que perpassam o enfrentamento da dor, a lucidez, oscilando entre momentos de angustia e de extrema clareza acerca do humano, detendo um olhar desprovido de mediocridades ou preconceitos. Este ponto parece estar em evidência durante a obra nos diálogos entre os personagens, como por



exemplo, na fala de Svidrigáilov a Raskólnikov: “suponha apenas que eu seja homem, *et nihil humanum...*”¹² [...] Ai está toda a questão: sou um monstro ou eu mesmo sou uma vítima?

REFERÊNCIAS

- CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Trad. Valerie Rumjanek. – 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman, 16 ed. Paulina Watch. – Rio de Janeiro: Record, 2019.
- CANCIAN, André. *O Vazio da Máquina: Niilismo e outros abismos*. Edição do autor: Andre Cancian (c) 2009.
- CARVALHO, José Jacson Carneiro. *Albert Camus: Tragédia do Absurdo*. João Pessoa: Ideia, 2009.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*. Tradução e notas de Paulo Bezerra. – São Paulo: Editora 34, 2019 (8ª ed).
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os demônios*. Tradução Tradução e notas de Paulo Bezerra. – São Paulo: Editora 34, 2018 (6ª ed).
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. Trad. Herculano Villas Boas. 1ª ed. Editora: Martin Claret, 2013.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski: Os anos milagrosos, 1865-1871*. – 1.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- GRENIER, Jean. *Albert Camus: Souvenirs*. Paris: Gallimard, 1968.
- GRENIER, Roger. *Albert Camus Soleil Et Ombre: Une Biographie Intellectuelle*. Paris: Gallimard, 2014.
- OLIVEIRA, Jelson. *Negação e Poder: do desafio do niilismo ao perigo da tecnologia*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2018.
- OLIVEIRA, Jelson. *Niilismo e tecnologia*. Filosofia Unisinos Unisinos Journal of Philosophy21(1):72-78, jan/apr 2020Unisinos – doi: 10.4013/fsu.2020.211.07 – ARTIGO
- ROSSANO, Pecoraro. *Niilismo e pós modernidade: introdução ao “pensamento fraco” de Gianni Vattimo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: São Paulo: Loyola, 2005.

¹² *Homo sum: humani nihil a me alienum puto* (“Sou homem: nada do que é humano me é estranho”) Terêncio, O homem que a si mesmo se castiga, I, 1, 25. (N. da E.) In: DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 287.



TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e filhos*. Editora: Companhia das Letras, 2019.

VATTIMO, Gianni. *O Fim da Modernidade: Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*.

São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VEIT, Walter. *Existential Nihilism: The Only Really Serious Philosophical Problem*. Journal of Camus Studies, 2018.

VOLPI, Franco. *O Niilismo*. Rio de Janeiro: Editora Loyola, 1999.